

PROJETO GUIGNARD

Kleber Farias Pinto é engenheiro formado na Escola de Minas de Ouro Preto. É diplomata e residente em Brasília.

Entrevista realizada em 2003, no *Café Gerais*, em Ouro Preto.

Gélcio: Dr. Kleber, quando conheceu Guignard e como foi?

Kleber: Meu contato com Guignard foi exatamente sentado à mesa do bar do *Toffolo*, do lado direito, junto à janela onde ele sempre se sentava para tomar sua tradicional cerveja. Um dia o bar estava vazio, Guignard ali, eu me sentei e nos identificamos. Não sabia de quem se tratava. Eu o achei simpático, ficamos bons amigos, paguei a cerveja. Ele agradeceu e, a partir daí, sempre que eu passava lá, a gente se sentava para conversar. Companheirismo de cerveja, assim surgia uma amizade por um velho simpático e muito sorridente, que tinha conversa agradável. Certa vez me disse que ia pintar o meu retrato, mas nunca me dispus a reservar algumas horas para que ele o fizesse.

Gélcio: O convite foi nesse primeiro encontro?

Kleber: Não, foi lá pelo décimo, os encontros eram mais ou menos freqüentes, à mesma mesa do *Toffolo*. Sempre, à noite, quando passava para ir ao cinema do Dodô, Salvador Tropa, à época proprietário do *Cine Central*, ali defronte.

Gélcio: Sabemos que Guignard freqüentou sua república, a *Formigueiro*, e que você possui uma obra dele. Como era esse envolvimento dele com os estudantes?

Kleber: No meu tempo ele não freqüentava outras repúblicas, não tomava essa iniciativa, era preciso que a gente chegasse a ele. Então, como fui lá e o “pesquei”, ele foi comigo à república. A *Formigueiro* é extremamente importante para mim. Está completando 52 anos de existência e fui um dos fundadores. Na parede onde estão expostos os quadros dos formandos, a primeira foto de cima do lado esquerdo é a minha. Os meninos me tratam como um grande companheiro e amigo deles. A república é a minha casa em Ouro Preto. Quando conheci Guignard, disse: “Ô Guignard, vamos à minha república, quero que você conheça minha casa”. Ele aceitou de muito bom grado. Então nós acabamos de tomar uma cerveja e descemos, porque nesse dia tínhamos feito uma galinhada, com galinhas roubadas de um professor da Escola. Foi uma festa e Guignard esteve presente. Era o ano de 1956. Guignard tomou bastante cerveja, ficou animado e resolveu achar que a nossa cozinheira, que a gente só chamava de “comadre”, era muito simpática. E lá pelas tantas, quando entramos na cozinha, ele já estava passando a mão pelo ombro da cozinheira, dando um abraço nela. No final do banquete, ele decidiu fazer uma homenagem à república. Pegou o livro usado para anotar o nome das visitas e fez um desenho. Parece-me uma de suas poucas obras engraçadas. Guignard distraído, solto, explicando as coisas uma a uma: onde estava, a festa, como ele gostava da *Formigueiro*, etc. Está tudo descrito, com sua própria letra.

Gélcio: É lápis sobre papel?

Kleber: Não, é tinta sobre papel. Foi tudo improvisado, coisa de momento. Ele disse: “Vou deixar as minhas impressões aqui com vocês”. Voltou à república uma meia dúzia de vezes. Passava por lá e sempre tomava uma cerveja.

Gélcio: A placa da república *Arca de Noé* foi pintada por ele. Você teria alguma informação a respeito?

Kleber: A placa da *Arca* era muito significativa, porque era totalmente diferente. As placas das repúblicas de Ouro Preto não tinham nenhum conteúdo de arte. As de bom gosto eram sempre improvisadas por estudantes de Engenharia, mas nem sempre resultavam numa composição artística. A da *Arca* se destacava por ser diferente. Foi feita por volta de 1954-55.

Gélcio: E qual a impressão que vocês, estudantes, tinham dele?

Kleber: Era uma pessoa de muita sensibilidade, um homem que adorava descrever as coisas. Lembro-me que uma de suas paixões em Ouro Preto era ver as normalistas. Ele comentava: “Olha Kleber, lá vêm as minhas queridas andorinhas. As estudantes são andorinhas que chegam com aquele uniformezinho bonito, vamos ver as andorinhas passarem”. Era como ele se referia às normalistas que passavam pela Rua São José e desciam pela Rua do Ouvidor, indo para a Escola Normal. Eu era professor lá e em 1958 fui o Paraninfo das formandas.

Gélcio: O senhor lecionava qual disciplina na Escola?

Kleber: Matemática e Geometria Descritiva, na Escola de Minas. Na Escola Normal, era Catedrático de Matemática.

Gélcio: Como era o reconhecimento de Guignard como artista?

Kleber: Só depois que o conheci é que tive contato com muitas de suas amigas, inclusive com uma delas, que eu adoro, a Ruth Michel Domingues. Um dia ela me disse: “Olha, quero levar você lá no Parque, no domingo, para você ver a Escola onde estudo com o professor Guignard”. Fui e filmei uma aula. Foi nesse dia, e por sugestão da Ruth, que Guignard pegou a reprodução de um Cristo que havia pintado, assinou e deu-me de presente.

Gélcio: Isso foi depois do contato em Ouro Preto ou foi antes?

Kleber: Depois. É que eu não sabia quem era ele. Fui saber lá na Escola do Parque.

Gélcio: Como você vê a característica boêmia do Guignard?

Kleber: Meus encontros com Guignard eram sempre no mesmo local, na mesma mesa, no mesmo bar. A bebida era a cerveja. A conta ia ficando cada vez mais alta e ao final dizia: “Olha, amanhã vou vender um quadro e volto para fazer o pagamento”. Mas não fazia. Então, na época eu era professor. Passei a pagar as contas com o dinheiro que tinha. Ele um bom companheiro. Foi nascendo uma amizade... Eu tinha pouco dinheiro, mas fazia questão de pagar.

Gélcio: Guignard ficava embriagado?

Kleber: Ficava sim, saía cambaleando. Nunca o vi beber uísque, também o dinheiro não dava. Certa vez Guignard me disse: “Kleber, eu tenho um compromisso que você vai me ajudar a cumprir. A Diretora do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Niomar Sodré, me pediu um álbum para o Museu. Não sei como vou fazer esse álbum, tenho que usar folhas grandes, de papel especial para desenho. Não tenho e nem sei como vou arranjar o papel para trabalhar”. Prometi a Guignard resolver a questão. Eu era estudante e gozava de certo prestígio na cidade, por ter sido paraninfo de uma turma da Escola Normal. Todas as filhas das famílias ouro-pretanas do melhor nível social estudavam lá. A Escola era um sacrário e o fato de ser professor garantia certo *status*. Eu não podia fazer molecagem, somente se ninguém soubesse. Era aluno de Paulo Andrade Magalhães Gomes, professor de desenho técnico na Escola de Minas. Os papéis utilizados nas aulas eram de excelente qualidade e grandes dimensões, especiais para desenhos técnicos. Passei a subtrair algumas folhas. O próprio bedel já me perguntava: “Kleber, você quer um papelzinho hoje?”. Eu acabei levando da Escola de Minas mais ou menos umas 40 folhas de papel, em cinco meses. Entregava o material enrolado direitinho para Guignard. À medida que desenhava, me mostrava.

Gélcio: Eram paisagens de Ouro Preto?

Kleber: Os chafarizes, as ruas, tudo era Ouro Preto. Os desenhos estavam maravilhosos. Cheguei a ver uns 15 prontos e disse-lhe que iria mandar encadernar. Um dia fui tomar uma cerveja, Guignard estava sorrindo e me deu um abraço. Falou: “Hoje a despesa é por minha conta. Apareceram uns rapazes muito simpáticos e me ofereceram um bom dinheiro pelos desenhos e vendi tudo”. “Mas Guignard, como é que você fez um negócio desses, você prometeu o álbum!” “Ah, eu vou fazer de novo, vou fazer de novo”. “Você não foi correto comigo, fiz coisas erradas para lhe ajudar a fazer o álbum e você vende tudo para os caras que apareceram, que lhe ofereceram, quanto foi? Será que a 20 réis cada um? Guignard, como é que você faz uma coisa dessas?” Não quero mais papo, vou-me embora”. E saí bravo. Passada uma semana, ainda voltei a falar com ele, mas confesso que houve quase uma ruptura. Achei grande ofensa a um amigo e um desaforo para com o Museu de Arte Moderna.

Gélcio: Você poderia citar pessoas de Ouro Preto com quem Guignard se relacionava?

Kleber: Fora o bar do *Toffolo*, o local em que sempre o encontrava, era no *Pouso Chico Rei*, com Ninita Moutinho e Lili Corrêa de Araújo. Eu fui dos primeiros hóspedes. O Pouso era também freqüentado por Tom Jobim, Vinícius de Moraes. Lá Guignard pintou as janelas, as portas e o armário, que é lindo. Outro local onde o encontrava era na casa do Dr. Rodrigo e da D. Graciema Mello Franco, minha amiga, na rua Direita, onde pintou, no nicho da parede, a *Marília de Dirceu*.

Gélcio: Você era um estudante que tinha contato com o meio cultural de Ouro Preto...

Kleber: Essa era a realidade dos estudantes na época. Naquele período Ouro Preto foi muito freqüentada por artistas plásticos, especialmente. Sempre fui interessando nos assuntos culturais. Lembro-me de um fato curioso ocorrido por volta de 1957-58. O Governo de Minas Gerais decidiu transladar os restos de *Marília de Dirceu*, que estavam na igreja de Antônio Dias para o Museu da Inconfidência, ao lado do Panteão.

Fizeram lápide com o nome de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas e uma solenidade pomposa. Quando a urna foi colocada no chão e o pedreiro começou o trabalho para colocá-la no jazigo, peguei a urna de Marília “na marra”, as pessoas estavam distraídas, não deram atenção. Coloquei a urna sobre o túmulo de *Dirceu*, Tomás Antônio Gonzaga e tirei uma foto onde está lá escrito: “Pela primeira vez na História do Brasil, *Marília* esteve juntinha de *Dirceu*”. Ainda conservo a foto desse dia.

Gélcio: Como era a vida cultural em Ouro Preto? O que tinha para se fazer?

Kleber: Havia atividades principalmente na área musical. Grandes figuras da cultura brasileira vinham à cidade. Um acontecimento memorável foi a vinda da Cecília Meireles, para lançar o seu “Romanceiro da Inconfidência”, na Casa dos Contos.

Gélcio: O senhor se lembra de outros pintores do período?

Kleber: Lembro-me do Chanina e do Estevão. Tenho, inclusive, quadro de cada um deles.

Gélcio: E do Guignard, o que possui além da pintura do Cristo?

Kleber: Tenho a foto do Guignard pintando na varanda do Grande Hotel e também um cartãozinho em que assina com a mão esquerda, pois a direita estava machucada. Fez uma assinatura um pouco diferente, por exemplo, daquela da ocasião da visita dele a minha república, onde ele diz assim: “Por aqui passou o Rei Guignard”. E ainda botou uma coroa no nome dele.

Gélcio: Como acha que a sociedade ouro-pretana via Guignard?

Kleber: Guignard não era um homem apreciado socialmente e não tomavam muito conhecimento da sua presença. Seu grupo era restrito a alguns amigos: Graciema, Rodrigo e Clarinha, filha do casal, Ninita e Lili Corrêa de Araújo. Não era de freqüentar ou comparecer a lugares. Ele só ia mesmo àquela mesa lá do bar do *Toffolo*. Não freqüentava ninguém, as pessoas é que o freqüentavam.